

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

Considerações sobre as práticas pedagógicas e a utilização dos quadrinhos no espaço escolar: metodologia, vivências, professores.

LEITE, Eduard dos Santos
MATOS, Júlia Silveira
duduandstv_lg@hotmail.com

Evento: Congresso de Iniciação Científica
Área do conhecimento: Ciências Humanas

Palavras-chave: metodologia; livros didáticos; história.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, financiada pelo CNPq na condição de bolsa para iniciação científica, pretende discutir como as práticas pedagógicas de ensino são apropriadas pelos docentes e, dessa forma, reinventadas conforme a sua realidade escolar. Da mesma forma, como as ferramentas auxiliares, como livro didático, cinema, música, televisão, internet, entre outras tantas tecnologias, se inserem no dia-a-dia do professor e, da mesma forma, como ele utiliza dessas possibilidades, como se adapta. Focamos nesse trabalho mais a relação entre livros didáticos e as histórias em quadrinhos. Dessa forma, pretende-se realizar um histórico dos usos destas ferramentas no Brasil, de forma a demonstrar que não são novidades tais métodos de ensino, mas o que faz a diferença é como o professor os utiliza em sala de aula, partindo da sua experiência de vida, do seu acúmulo teórico, e não tanto da ferramenta em si.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Seguimos nesse trabalho a tendência da Educação Histórica como proposto por Jörn Rusen, para a formação da consciência histórica como exposto em suas obras. Para definir cultura de massa e suas variáveis, como que para analisar o mercado de livros didáticos e a dinâmica das histórias em quadrinhos, bem como as outras tecnologias aqui analisadas, avaliamos as propostas de Umberto Eco e John B. Thompson.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

Foram analisados livros didáticos da década de 70, mais especificamente a coleção de Julierme de Abreu e Castro, “História do Brasil para Estudos Sociais”, de 1975, e de José Roberto Martins, “História”, de 1989. O procedimento metodológico para análise dos livros é a Análise de Conteúdo. Para embasar o argumento, proponho um debate com vários autores da mesma temática (educação, livros didáticos e ensino de História).

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

A tendência das pesquisas educacionais contemporâneas é olhar para a internalidade do trabalho escolar, levando em conta sim a formação dos docentes, mas como eles aplicam seus conhecimentos em sala de aula (MARTINS, 2001, p. 198). Assim, os objetos de estudos da pesquisa tornam-se não só o livro didático, os cadernos de chamada, as avaliações por escrito, mas sim as memórias de docentes e discentes que participaram do processo em questão. Essa abordagem abre um leque amplo de possibilidades para a análise dos problemas da escola, seus êxitos e fracassos, sob perspectivas diferenciadas que não cabem na folha de papel. Não é mais como o livro didático é formatado (embora isso seja de real importância também nessa pesquisa), mas como o professor se apropria da ferramenta e a utiliza no processo de ensino-aprendizagem.

O que vemos é a tentativa incessante do professor em atualizar sua prática. Isto é algo muito complexo, pois leva em conta uma série de variáveis. O que é atualizar? É abraçar todas as novas tecnologias, aproveitando sua dinamicidade sem igual, em detrimento dos livros e, entre eles, o famigerado livro didático? Ou, pelo contrário, é aferrar-se ao livro didático e dele extrair tudo o quanto é possível, já que é o material de mais fácil alcance para o alunado (principalmente o de Ensino Fundamental, dada a grandiosidade do Programa Nacional de Livros Didáticos)? Do mesmo modo, é preciso reinventar esse livro, trazer uma linguagem mais acessível ao aluno ou modos de percepção diferenciados, tais como quadrinhos, poesia, música, etc.? Ou, por outro lado, ensinar o discente a compreender os longos textos que aparecem nos livros? Esta discussão não é novidade no meio acadêmico. Nos anos 1970 já havia tentativa, sob uma perspectiva totalmente diferente de educação (moral, cívica, honra, grandes homens, cristianismo, disciplina) a tentativa de inserção destas novas abordagens. Por exemplo, o livro de Julierme sobre Estudos Sociais. Inteiramente escrito na forma de HQ, porém os quadrinhos não tem sequência e as imagens são estáticas e recheadas com texto, sem aproveitar a dinamicidade dos quadrinhos. No entanto, foi um livro que conquistou os professores e utilizado muitas vezes em sala de aula, como demonstra Martins (2001), com resultados satisfatórios dependendo do professor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se quer destacar aqui é que, independente da ferramenta que se utilize, e principalmente os livros didáticos, elas só adquirem significado maior no que tange à habilidade do professor de perceber a expectativa da sua turma de alunos e como ele consegue significar o conteúdo de História ou de qualquer outra matéria. Tudo isso tendo em mente a formação do que Rüsen denomina “consciência histórica”, inerente a todos, mas que o professor de História deve transformar em uma veia crítica, capaz de compreender o mundo através da História da humanidade, perceber suas continuidades e descontinuidades e, assim, tomar uma posição significativa perante a sociedade.

REFERÊNCIAS

ECO, Humberto. Apocalípticos e integrados. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MARTINS, Cláudia Regina Kawka. O ensino de História no Paraná, na década de

13ª Mostra da Produção Universitária

Rio Grande/RS, Brasil, 14 a 17 de outubro de 2014.

setenta: práticas de professores. Revista Educar, Curitiba, n. 17, p. 197-213. 2001.